

Niall Ferguson

O

**HORROR**

— DA —

**GUERRA**

CRÍTICA

Uma provocativa análise  
da Primeira Guerra Mundial

*Tradução*  
Janaína Marcoantonio

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

## Sumário

<i>Agradecimentos</i>	13
<i>Nota sobre as imagens</i>	15
Introdução	17
<b>1</b> Os mitos do militarismo	55
Profetas	55
Imprensa e espionagem	66
A política do militarismo	72
Antimilitarismo	77
<b>2</b> Impérios, ententes e apaziguamento eduardiano	95
Imperialismo: economia e poder	95
Guerras não travadas	104
O leão e a águia	111
A lógica do apaziguamento	119
<b>3</b> A guerra de ilusões da Grã-Bretanha	127
O perfeito pescador	127
A neurose napoleônica	141
O não comprometimento continental	149
<b>4</b> Armamentos e homens	165
Uma corrida para a guerra?	165
Encouraçados	166
A porta se fechando	171
Os despreparados	186

<b>5</b>	<b>Finanças públicas e segurança nacional</b>	<b>195</b>
	Os custos da defesa	195
	Impostos	209
	Dívidas	218
	Do impasse fiscal ao desespero estratégico	228
	A história contrafactual de Ludendorff	234
<b>6</b>	<b>Os últimos dias da humanidade: de 28 de junho a 4 de agosto de 1914</b>	<b>243</b>
	Por que a Bósnia?	243
	Os jogadores	249
	Telefone quebrado	255
	Por que a Grã-Bretanha entrou na guerra	260
	A união europeia do Kaiser	271
<b>7</b>	<b>Os dias augustos: o mito do entusiasmo pela guerra</b>	<b>285</b>
	Dois voluntários	285
	Multidões e impotência	287
	Pânico	299
	Alistamento	312
	Revelações	323
<b>8</b>	<b>A gangue da imprensa</b>	<b>334</b>
	A guerra das palavras	334
	Vozes dissonantes	337
	A autonomia da propaganda	350
	Estilo baixo e elevado	356
	O público	361
	A caixa registradora da história	366
	Histórias reais	373

<b>9</b>	Capacidade econômica: a vantagem desperdiçada	382
	O grande desequilíbrio	382
	Lebres e tartarugas	389
	Aprovisionamento e matérias-primas	394
	Mão de obra: o problema britânico	403
	Fome, saúde e desigualdade	413
<b>10</b>	Estratégias, táticas e contagem líquida de corpos	427
	Estratégias	427
	Estratégia da Entente e dos Aliados	436
	Desculpas	450
	Não derrotados no campo de batalha?	458
	A vitória perdida?	463
<b>11</b>	“Máximo massacre ao menor custo”: finanças de guerra	472
	Finanças e guerra	472
	O custo de matar	476
	O susto do dólar	481
	Papel-moeda e preços	484
	O preço por morte	487
<b>12</b>	O instinto de morte: por que os homens lutavam	497
	A vida no inferno	497
	Varas	505
	Cenouras	509
	A alegria da guerra?	518
<b>13</b>	O dilema do capturador	536
	A lógica da rendição	536
	Acusações e contra-acusações	542
	Ordens	556
	Guerra sem fim	561

<b>I4</b> Como (não) pagar pela guerra	573
Consequências econômicas	573
Não pode pagar	577
Não quer pagar	586
Poderia ter pagado?	592
Não consegue cobrar	601
Alternativas à hiperinflação	611
Conclusão: alternativas ao Armagedom	623
<i>Bibliografia</i>	660
<i>Índice remissivo</i>	711

# CRÍTICA

# Introdução

*J.G.F.*

John Gilmour Ferguson acabara de fazer 16 anos quando a Primeira Guerra Mundial<sup>1</sup> eclodiu. O sargento recrutador acreditou nele – ou escolheu acreditar – quando ele mentiu sobre a idade, mas, antes que pudesse concluir as formalidades do alistamento, sua mãe chegou e o arrastou para casa. Mas se, naquele momento, o garoto da região de Fife temeu ficar de fora, sua angústia foi injustificada. Quando, no ano seguinte, teve permissão para se alistar, qualquer ideia de que a guerra poderia ser curta havia sido descartada. Depois dos meses usuais de treinamento, ele foi enviado às trincheiras como um soldado raso (número de série S/22933) no 2º Batalhão, Seaforth Highlanders, parte da 26ª Brigada, na 9ª Divisão da Força Expedicionária Britânica. Ele foi um dos 557.618 escoceses alistados no Exército britânico durante a Primeira Guerra Mundial. Destes, mais de um quarto – 26,4% – perdeu a vida. Só os Exércitos sérvio e turco sofreram tantas baixas.<sup>2</sup>

Meu avô estava entre os afortunados 73,6%. Ele foi atingido no ombro por uma bala de um franco-atirador, que teria sido fatal alguns centímetros mais abaixo. Sobreviveu a um ataque com gás, embora seus pulmões tenham sofrido dano permanente. Sua memória mais vívida da guerra – ou pelo menos aquela que relatou ao filho – foi um ataque alemão. Conforme as tropas inimigas avançavam contra suas trincheiras, ele e seus camaradas fixaram baionetas e se prepararam para a ordem de “atacar”. Mas, no último momento, a ordem foi dada aos cameronianos, na linha de frente avançada. As baixas foram tão numerosas no enfrentamento que ele teve certeza de que teria morrido se o comando tivesse sido dado aos Seaforths.

Não são muitos os registros que restaram da guerra de John Ferguson. Como a imensa maioria dos milhões de homens que lutaram na Primeira

Guerra Mundial, ele não publicou poemas nem memórias. Nem mesmo as cartas que enviou para casa sobreviveram. Os registros de seu serviço militar continuam inacessíveis e os arquivos do Exército fornecem pouquíssimas informações.

É possível, por exemplo, que ele tenha estado na Batalha do Somme, em julho de 1916, onde – em apenas 14 dias de combate intenso em Billion Wood, Carnoy e Longueuil – seu batalhão teve 70 homens mortos e 381 feridos ou feitos prisioneiros, de um total de 750. Talvez tenha estado em Eau-court l'Abbaye três meses depois, quando as baixas da brigada chegaram a 70% nos primeiros minutos do ataque. Ou talvez tenha sido em St. Laurent, perto de Arras, que sofreu seu ferimento. Será que teve a sorte de não participar da batalha em Passchendaele, onde seu batalhão perdeu 44 homens e outros 214 foram feridos ou capturados no assalto a Zeggars Cappel? Ou foi lá que sofreu envenenamento por gás?

Algum tempo depois de ter sofrido essas lesões, foi tirado da linha de frente para ajudar no treinamento de novos recrutas: há uma foto dele com um grande grupo de homens sentados em frente de um quadro-negro com o desenho de uma granada. Mas sua lembrança de um grande ataque alemão indica que ele possivelmente esteve nas trincheiras na primavera de 1918, quando Ludendorff fez sua última tentativa, em vão, de ganhar a guerra. O 2º Batalhão perdeu mais de 300 homens só no mês de março, durante a retirada de Gouzeaucourt.<sup>3</sup>

Tudo isso, no entanto, não passa de palpite.

Além de seu escalão e número de série, as únicas provas que tenho são uma pequena caixa com uma Bíblia minúscula, três medalhas e algumas fotografias dele usando uniforme – um rapaz de rosto impassível vestindo um *kilt*. A primeira medalha, a Medalha Britânica, mostra um homem nu a cavalo. Acima do cavaleiro está a inscrição 1914; perto do focinho do cavalo, o ano tido como o término tradicional, 1918. Sob os cascos traseiros – aparentemente prestes a ser esmagada –, há uma caveira. (Isso representa um triunfo sobre a Morte ou algum alemão desafortunado?) O outro lado se assemelha a uma simples moeda antiga. Contém o sombrio perfil do rei e a seguinte inscrição:

*GEORGIVS V BRITT: OMN: REX ET IND: IMP:*

A imagem da outra medalha, a Medalha da Vitória, também é clássica. Na parte da frente há um anjo alado carregando um ramo de oliveira na mão direita e acenando com a esquerda, mas não está claro se isso representa as mulheres britânicas dando as boas-vindas aos sobreviventes que voltam ao lar ou o anjo da morte dando-lhes adeus. A inscrição no verso (desta vez, em inglês) diz:

*THE GREAT*  
 • *WAR FOR* •  
*CIVILISATION*  
 1914-1919<sup>4</sup>

A terceira medalha de meu avô foi a Cruz de Ferro – um souvenir de um soldado alemão morto ou capturado.

O fato de meu avô ter lutado na Frente Ocidental foi, e continua sendo, um estranho motivo de orgulho. Se tento analisar esse orgulho, suponho que esteja associado com o fato de que a Primeira Guerra Mundial é, até hoje, a pior coisa que o povo de meu país teve de suportar. Sobreviver era ser misteriosamente afortunado. Mas sobreviver também parecia significar grande resistência. O mais impressionante de tudo foi que meu avô, ao voltar da guerra, levou uma vida civil relativamente estável e (pelo menos na aparência) realizada. Conseguiu um emprego numa pequena casa de exportação e foi enviado ao Equador para vender uísque e ferragens. Isso foi bastante exótico. Depois de alguns anos, voltou para a Escócia e se instalou em Glasgow; casou, virou dono de uma loja de ferragens, teve um filho, perdeu a esposa por motivo de doença, casou com minha avó e teve outro filho: meu pai. Passou o resto da vida numa moradia social em Shettleston, um bairro no leste de Glasgow, dominado, na época, pelo mau cheiro das siderurgias. Apesar de ter prejudicado ainda mais seus pulmões com o fumo (um hábito que adquiriu provavelmente nas trincheiras, onde o tabaco era a droga universal), teve força para levar adiante seu pequeno negócio durante uma sucessão de tempestades econômicas e viveu o suficiente para, mesmo ofegante, embalar seus dois netos no colo. Em outras palavras, parece ter sido capaz de ter uma vida normal. Nesse aspecto, sem dúvida, lembrava a grande maioria dos homens que lutou na guerra.



Ele não falava muito a esse respeito comigo; depois de sua morte, no entanto, pensei muito nisso. Era difícil não pensar. Pouco tempo depois da guerra, a escola à qual meus pais me mandaram, a Glasgow Academy, dedicou-se formalmente à memória dos que foram mortos no conflito. Assim, dos 6 aos 17 anos fui educado em um verdadeiro memorial da guerra. Todas as manhãs, a primeira coisa que via ao me aproximar da escola era uma pálida placa de granito erguida na esquina da Great Western Road com a Colebrooke Terrace onde constava o nome dos ex-alunos da escola que haviam morrido na guerra. Havia também um “pergaminho de honra” no segundo andar do prédio principal da escola, um cavernoso edifício neoclássico. Às vezes, quando íamos da aula de álgebra à de latim, passávamos por ele. A galeria era tão estreita que tínhamos de ir em fila indiana, e toda vez eu tinha a possibilidade de ler um dos nomes: tenho a impressão de que havia ao menos um Ferguson, mas sem nenhuma relação comigo. E acima de todos esses nomes de mortos, em letras maiúsculas e em negrito, havia uma legenda que eu vim a conhecer tão bem quanto o pai-nosso que balbuciávamos todas as manhãs:

NÃO DIGAS QUE OS VALENTES MORREM.<sup>5</sup>

Acredito que meu primeiro pensamento histórico sério foi uma objeção a essa ordem severa. Mas eles *morreram*. Por que negar isso? E, como John Maynard Keynes observou com sarcasmo certa vez, um dia todos morreremos – mesmo aqueles que tiveram a sorte de ter sobrevivido à Primeira Guerra Mundial. Passaram-se 80 anos\* desde o armistício de 11 de novembro de 1918, e – até onde é possível saber, na ausência de um registro oficial de veteranos – não mais do que algumas centenas dos que lutaram nas forças britânicas continuam vivos. A Associação de Veteranos da Primeira Guerra Mundial tem 160 membros; a Associação da Frente Ocidental, cerca de 90 soldados. Quinhentos é o total máximo de sobreviventes concebível.<sup>6</sup> Os números não podem ser muito maiores nos outros países combatentes. Logo a Primeira Guerra Mundial irá se unir à Guerra da Crimeia, à Guerra Civil Americana e à Guerra Franco-Prussiana, das quais já não restam memórias em primeira mão. Não digas que os valentes morrem? Um estudante poderia

\* Ferguson escreveu este livro em 1998. (N.T.)

aceitar, sem refletir muito a respeito, a afirmação vazia de que todos os que morreram na guerra foram valentes. Mas a ideia de que gravar o nome deles em uma parede os mantém vivos de alguma forma era simplesmente implausível.

É claro, vi muito mais sobre a Segunda Guerra Mundial na televisão (nos filmes do pós-guerra repetidos com frequência). Mas talvez seja exatamente por essa razão que a Primeira Guerra Mundial sempre me pareceu um assunto muito mais sério. Eu sentia isso, mesmo antes de saber que o dobro de britânicos foi morto na Primeira Guerra.<sup>7</sup> A primeira pesquisa histórica que me pediram para fazer, quando eu tinha apenas 12 anos, foi um “projeto” na escola. Sem hesitar, escolhi o assunto “guerra de trincheiras” e elaborei dois blocos grossos cheios de fotos da Frente Ocidental que recortei de revistas, como *Look and Learn*, acompanhadas de comentários simples, retirados de fontes de que já não me lembro (ainda não conhecia as notas de rodapé).

Meus professores de inglês estimularam esse interesse. Como muitas crianças de minha geração, fui apresentado ainda novo (aos 14 anos) à poesia de Wilfred Owen – o poema “Dulce et decorum est” permanece tenebrosamente vivo em minha mente:

Gás! GÁS! Depressa, rapazes!...  
 Se, a cada abalo, você pudesse ouvir o sangue  
 que vem borbulhando dos pulmões corroídos em espumas,  
 obsceno como câncer, amargo como regurgitação  
 de vis e incuráveis feridas em línguas inocentes, –  
 Meu amigo, você não diria com tanto prazer  
 a crianças ávidas por um pouco de glória desesperada,  
 a velha mentira: Dulce et decorum est  
 Pro patria mori.\*

*Memoirs of a Fox-Hunting Man* [Memórias de um caçador de raposas], de Siegfried Sassoon, era um texto obrigatório para os alunos do quinto ou do sexto ano. Também me lembro de ter lido na cama *Goodbye to All That* [Adeus a tudo aquilo], de Robert Graves, e *Adeus às armas*, de Ernest

\* Pode-se traduzir *Dulce et decorum est pro patria mori* por algo como: “É doce e correto morrer por seu país”. (N.T.)

Hemingway; e de ter visto uma boa adaptação para a TV (por abrandar os fatos) de *Testament of Youth* [Testemunho de uma jovem], de Vera Brittain. A TV também me apresentou uma versão de 1930 de *Nada de novo no front*, que me cativou, e *Ab! Que guerra adorável*, que me aborreceu por seus conhecidos anacronismos. Mas foi “Dulce et decorum est” – sem dúvida dirigida aos docentes, tratando de forma tão explícita da asfixia de um *garoto* – que me comoveu. Achei um absurdo que devêssemos memorizá-la pela manhã, para então vestir nosso uniforme de cadete e marchar em volta do parquinho na mesma tarde.

Apesar de eu ter nascido cerca de 50 anos depois da eclosão da Primeira Guerra Mundial, esta teve profunda influência sobre mim – como tem sobre tantos outros britânicos, jovens demais para tê-la vivido. De fato, foi outro encontro com a literatura produzida pela guerra, quando eu já estava na faculdade, que me incentivou a ser historiador. No Festival de Edimburgo de 1983, o Glasgow Citizens Theatre encenou uma obra da década de 1920 chamada *Os últimos dias da humanidade*, do satirista vienense Karl Kraus. Foi, sem dúvida, a maior experiência teatral que já tive. Lá estava a Primeira Guerra Mundial tal como se mostrava, em todo seu absurdo grotesco, vista pela perspectiva do café de Nörgler, o personagem mordaz de Kraus. Fiquei fascinado com a tese central da obra de que a guerra foi uma espécie de evento gigantesco da imprensa e que sua origem e perpetuação se deveram às distorções que a imprensa impôs à linguagem e, portanto, à realidade. Já naquele momento, aquilo me impressionou por parecer uma teoria à frente de seu tempo; eu ainda não havia começado a escrever para os jornais britânicos, mas não tinha a menor dúvida da magnitude de sua influência. Também era óbvio que a crítica satírica de Kraus à guerra não tinha correlato em língua inglesa; foi só na década de 1960 que algo parecido foi produzido na Escócia, e *Oh! What a Lovely War* é obtuso em comparação. Assim que saí do teatro naquela noite, resolvi que deveria aprender alemão, ler a obra de Kraus no original e tratar de escrever alguma coisa sobre ele e sobre a guerra.

Um encontro posterior, e um pouco menos revelador, com *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda* me persuadiu a tratar de aprender também economia. A conclusão dessas duas decisões foi uma tese de doutorado sobre o custo econômico da guerra – em particular, a hiperinflação – em Hamburgo, a Glasgow alemã. Essa tese, desde que foi revisada e publicada,<sup>8</sup> marcou

o início de uma década de trabalhos sobre os aspectos econômicos da Grande Guerra, suas origens, desenvolvimento e consequências, alguns dos quais apareceram em publicações acadêmicas, e outros foram dirigidos a um público ainda menor, em conferências, cursos ou palestras.<sup>9</sup> Este livro procura tornar acessível a preocupação de toda uma vida a essa pessoa elusiva a quem o historiador deve se dirigir em primeiro lugar: o leitor comum.

### *Dez perguntas*

Há, é claro, muitos livros sobre a Primeira Guerra Mundial. Minha razão para escrever mais um não é repetir o que outros disseram. Este decididamente não é um manual. Aqui não há, por um lado, nenhuma narrativa detalhada da guerra; isso pode ser encontrado em outros lugares.<sup>10</sup> Também não pretendo lidar com as “várias faces da guerra”:<sup>11</sup> muitos aspectos do conflito e alguns palcos da guerra são inevitavelmente negligenciados. Por outro lado – e correndo o risco de ser aniquilado na terra de ninguém da interdisciplinaridade –, tentei sair das trincheiras, hoje profundas, da especialização acadêmica. Em particular, tentei relacionar, mais do que de costume, a história econômica e social com a diplomática e militar. Tradicionalmente, os historiadores militares tenderam a discutir os aspectos táticos e estratégicos sem prestar a devida atenção às limitações econômicas sob as quais os generais tiveram de trabalhar. Os historiadores econômicos e sociais (sobretudo na Alemanha), por sua vez, tenderam a negligenciar a luta em si, presumindo – conscientemente ou não – que a guerra foi decidida na “frente interna” e não nos campos de batalha.<sup>12</sup> E a maioria dos historiadores ainda tende a estudar a guerra do ponto de vista de um único Estado-Nação. Em nenhum lugar isso é tão evidente quanto em livros que tratam do impacto literário da guerra,<sup>13</sup> mas é também uma característica de muitos volumes recentes de dissertações e artigos apresentados em conferências, que reúnem o trabalho de especialistas sem oferecer uma síntese.<sup>14</sup>

Minha abordagem é analítica. Há dez perguntas que tento responder:

- I. A guerra era inevitável, seja por causa do militarismo, do imperialismo, da diplomacia secreta ou da corrida armamentista (Capítulos 1-4)?

2. Por que os líderes alemães apostaram na guerra em 1914 (Capítulo 5)?
3. Por que os líderes britânicos decidiram intervir quando a guerra eclodiu no continente (Capítulo 6)?
4. A guerra foi realmente recebida com entusiasmo popular, como muitas vezes se afirma (Capítulo 7)?
5. A propaganda, e especialmente a imprensa, mantiveram a guerra em curso, como acreditava Karl Kraus (Capítulo 8)?
6. Por que a enorme superioridade econômica do Império Britânico não foi suficiente para derrotar os Impérios Centrais mais rapidamente e sem a intervenção norte-americana (Capítulos 9 e 11)?
7. Por que a superioridade do Exército alemão não foi capaz de derrotar os Exércitos britânico e francês na Frente Ocidental, como fez com a Sérvia, a Romênia e a Rússia (Capítulo 10)?
8. Por que os homens continuavam lutando quando as condições no campo de batalha eram, como contam os poetas da guerra, tão deploráveis (Capítulo 12)?
9. Por que os homens deixaram de lutar (Capítulo 13)?
10. Quem ganhou a paz – para ser preciso, quem acabou pagando pela guerra (Capítulo 14)?

A título de preâmbulo, e para mostrar como é possível encontrar novas respostas para essas perguntas, quero chamar a atenção para a natureza contraditória das crenças que comumente se tem sobre o assunto tal como foi e continua sendo lembrado. A primeira é a crença de que a guerra foi horrível. A segunda é a de que, entretanto, foi inevitável. Vale a pena se perguntar de onde vêm essas ideias. Os historiadores fazem bem em lembrar que elas pouco têm a ver com a historiografia.

### *Guerra nefasta*

A persistência da ideia de que a guerra foi uma “coisa ruim” se deve, em grande parte, ao gênero conhecido como “poesia de guerra” (que, em geral, significa “antiguerra”), o qual se consolidou nos currículos das escolas britânicas na década de 1970.

Poemas rejeitando o estilo romântico e elevado dos vitorianos, eduardianos e “georgianos” – embora nem sempre suas convenções estruturais – começaram a ser escritos por soldados bem antes do fim da guerra.<sup>15</sup> Siegfried Sassoon escreveu seu primeiro poema de guerra “sem reservas”, “In the Pink” [Radiante], em fevereiro de 1916<sup>16</sup> e publicou outros tantos em *The Old Huntsman* [O velho caçador] em maio do ano seguinte; *Counter-Attack* [Contra-ataque] foi lançado em 1918, o mesmo ano de “The Blood of the Young Men” [O sangue dos jovens], de Richard Aldington (“Estamos fartos de sangue – de ver e de sentir gosto de sangue”).<sup>17</sup> Na época de sua morte, em 1918, Wilfred Owen havia escrito mais de cem poemas, mas foi só depois da guerra que sua obra começou a chegar a um público mais amplo.<sup>18</sup> O menor poema lírico de Edmund Blunden – “Third Ypres” [Terceira do Ypres] – também foi publicado depois da guerra,<sup>19</sup> assim como “Strange Hells” [Estranhos infernos], de Ivor Gurney.<sup>20</sup>

Embora a influência do expressionismo e do simbolismo do *fin-de-siècle* sobre a poesia continental tenha perdurado durante a guerra, Sassoon e Owen tiveram seus correlatos “do outro lado” em poetas como Wilhelm Klemm, Carl Zuckmayer e o efêmero Alfred Lichtenstein, que morreu no segundo mês da guerra. De fato, Lichtenstein é considerado por muitos o primeiro dos poetas antibélicos. Sua “Prayer before Battle” [Oração antes da batalha] precede em um ano e meio a mudança de estilo observada em Sassoon:

Que Deus me proteja do infortúnio,  
 Pai, Filho e Espírito Santo,  
 que nenhum grande explosivo me acerte,  
 que nossos inimigos, os canalhas,  
 nunca me peguem, nunca me atinjam,  
 que eu nunca morra na miséria  
 por nossa bem-amada pátria.

Deus, eu gostaria de viver mais tempo,  
 ordenhar vacas e saciar minhas garotas  
 e espancar o odioso Josef,  
 ficar bêbado muitas outras vezes,  
 até que me alcance uma morte ditosa.

Deus, devotarei orações sinceras,  
rezarei o terço sete vezes ao dia,  
se Tu, por Tua dádiva generosa,  
escolheres matar meu colega, talvez Huber,  
ou Meier, e me deixares de fora.

Mas, supondo que eu deva suportar,  
não deixes que eu seja malferido.  
Só um pequeno ferimento na perna  
ou um corte leve no ombro  
para eu voltar como herói  
com uma história para contar.

Além disso, os versos de Zuckmayer, de 1917, sobre o destino do jovem soldado – fome, matança, piolhos, bebida, combate e masturbação – são muito mais brutais que qualquer verso de Owen.<sup>21</sup> Assim, a poesia de guerra não é tanto uma peculiaridade inglesa como às vezes se pensa:<sup>22</sup> os franceses tiveram Guillaume Apollinaire, por exemplo; os italianos, Giuseppe Ungaretti. Uma coleção recente de poesia da Primeira Guerra Mundial inclui mais de 50 autores, representando quase todos os países combatentes; não há dúvidas de que esse número poderia ser maior.<sup>23</sup> O sucesso dessa e de outras coletâneas<sup>24</sup> mostra que a poesia de guerra não apresenta sinais de estar saindo de moda em escolas e universidades.

Há também a prosa antibélica: os panfletos, as memórias e os romances de guerra, alguns tão autobiográficos quanto as memórias. De fato, foram autores não combatentes os que primeiro atacaram a guerra escrevendo prosa. George Bernard Shaw dedicou o inverno de 1914 a ler cuidadosamente as obras oficiais da potência adversária, que procuravam justificar seus atos, antes de escrever seu *Common Sense about the War* [Bom senso a respeito da guerra], uma combinação de socialismo e sua inconfundível impertinência. Essa obra foi precedida por um artigo de jornal que instava os soldados dos dois bandos a “ATIRAR EM SEUS OFICIAIS E IR PARA CASA”.<sup>25</sup> Menos excêntrico foi o artigo de Francis Meynell publicado em dezembro de 1914, “War’s a Crime” [A guerra é um crime], que concebeu vivamente a imagem dos “horrores gritantes, desfigurados e fétidos

do campo de batalha” e “o assassinato, a mutilação e o estupro de pessoas inocentes”. *Peace at Once* [Paz imediatamente] (1915), de Clive Bell, foi menos histriônico; Bell compartilhava da hipótese de Shaw de que a guerra beneficiaria “apenas uns poucos capitalistas”.<sup>26</sup> Mais perto da ação – ele viu a Batalha do Somme de um observatório –, Ford Madox Ford descreveu, perplexo, “um milhão de homens se chocando uns contra os outros [...] em um inferno de medo”.<sup>27</sup>

A primeira tentativa britânica significativa de expressar a crítica em forma de ficção foi *Mr. Britling Sees It Through* [O Sr. Britling percebe] (1916), em que H. G. Wells formula a pergunta: “Por que lutávamos? Por que continuamos lutando? Alguém sabe?”. Depois de dois anos, segundo Wells, a guerra havia se tornado apenas “um esforço e um desperdício monstruosos”.<sup>28</sup> Duas mulheres – Agnes Hamilton e Rose Allatini – atacaram a guerra com mais veemência, em 1916 e 1918, respectivamente.<sup>29</sup> Escrevendo em 1916-1917, D. H. Lawrence denunciou sua “violência, injustiça e destruição” e previu que “a enxurrada de chuva de ferro destruirá este mundo, completamente”. A guerra “desmoronou o cume cada vez mais alto da civilização europeia”.<sup>30</sup>

Até mesmo os propagandistas mudaram o discurso assim que a guerra acabou. Em *The Realities of War* [As realidades da guerra] (1920), o ex-reporter de guerra Philip Gibbs se retratou. Contrariando suas próprias reportagens da época da guerra, ele afirmou que

uma grande quantidade de carne humana foi trinchada, carne de nossa juventude, enquanto os velhos ordenaram esse sacrifício, e os especuladores ficaram ricos, e os fogos do ódio foram atizados em banquetes patrióticos e em cadeiras editoriais [...] A civilização moderna foi arruinada nesses campos de fogo maldito [...] [Houve] um monstruoso massacre de seres humanos que oravam para um mesmo Deus, adoravam os mesmos prazeres da vida e não tinham ódio nenhum uns dos outros além daquele que fora aceso e inflamado por seus governantes, seus filósofos e seus jornais. Os soldados alemães amaldiçoavam o militarismo que os havia submergido nesse horror. Os soldados britânicos [...] olhavam para seu lado das linhas e viam [...] a perversidade de uma diplomacia secreta que fazia malabarismos com a vida de homens humildes para que a guerra pudesse ocorrer sem seu conhecimento nem seu consentimento; a perversidade de governantes que odiavam o militarismo alemão [...] por sua força



no combate; e a perversidade da insensatez de homens que lhes ensinaram a considerar a guerra uma aventura gloriosa [...].<sup>31</sup>

Mas Gibbs não foi o único jornalista arrependido. Para Harold Begbie, a guerra havia sido “uma carnificina tão descontrolada, uma anarquia tão indiscriminada de matança e mutilação, um massacre tão insano e imundo como nenhum homem jamais havia visto, desde o início dos tempos”.<sup>32</sup>

Como mostrou Samuel Hynes, houve imensa quantidade desse tipo de relato na ficção britânica da década de 1920. Christopher Tietjens, personagem da tetralogia *Parade's End* [O fim do desfile], de Ford Madox Ford, personifica o declínio da elite inglesa, traída pelos aventureiros políticos em casa.<sup>33</sup> Há uma vítima aristocrática similar em *O chapéu verde* (1924), de Michael Arlen.<sup>34</sup> Virginia Woolf também tem uma vítima de guerra em *Mrs. Dalloway*: Septimus Smith, o ex-soldado suicida, é o arquétipo não do homem de ação, mas do “homem para quem tudo é feito”, e aos olhos dele a guerra tornou o mundo sem sentido.<sup>35</sup>

O mais surpreendente é o alcance da melancolia do pós-guerra, inclusive fora do Grupo de Bloomsbury, do qual Woolf fazia parte. Nem mesmo um escritor ultranacionalista como John Buchan – cuja ficção de guerra, *Greenmantle*, foi precursora do mito de “Lawrence de Arábia” – ficou imune. *A Prince of the Captivity* [Um príncipe do cativo] (1933), de Buchan, tem como personagem principal Adam Melfort, um herói de guerra abstinente que se empenha em encontrar uma utilidade para sua valentia compulsiva abnegada no mundo de cosmopolitas e proletários do pós-guerra.<sup>36</sup> A essa altura, Buchan tinha de se esforçar para se convencer de que a guerra não havia sido em vão. Mesmo os escritores jovens demais para ter participado da guerra se somavam à massa crítica. Um evento crucial em *A Scots Quair* (1932-1934), de Lewis Grassie Gibbon, é a execução de Ewan, o marido da heroína Chris, por deserção.<sup>37</sup> O romance de C. S. Forester, *The General* [O general] (1936), contribuiu para propagar o estereótipo do comandante britânico burro.<sup>38</sup>

Foi, no entanto, o testemunho (muitas vezes semifictício) de ex-soldados que se mostrou mais influente que todas essas ficções. Um dos primeiros e mais duradouros romances escritos por um veterano britânico foi *The Secret Battle* [A batalha secreta] (1919), de autoria de A. P. Herbert, baseado no caso de Edwin Dyett, um subtenente naval que foi executado, acusado de covar-

dia: o relato conta que “Harry Penrose” era um homem valente, cuja coragem havia sido destruída pela exposição prolongada aos terrores do combate.<sup>39</sup> Em 1922, o principal escritor do *Guardian* e veterano de guerra C. E. Montague publicou suas polêmicas memórias, *Disenchantment* [Desilusão] (sem dúvida, o mais influente de todos os títulos do pós-guerra). “Hoje, as batalhas não têm auréolas”, proclamou Montague, “para os jovens [que] [...] viram as trincheiras cheias de homens intoxicados com gás e seus amigos fazendo fila à porta de um bordel em Béthune”. Nessa guerra, escreveu, em uma frase que ainda ressoa, “os leões perceberam que haviam descoberto os burros”.<sup>40</sup>

Na época, outro romance de Montague apareceu, *Rough Justice* [Justiça bruta], de 1926, e foi parte de uma verdadeira avalanche de escritos sobre a guerra, como se houvesse sido necessária uma década para que a experiência se tornasse inteligível ou pelo menos pudesse ser expressa. *Os sete pilares da sabedoria*, de T. E. Lawrence, foi editado privadamente pelo autor em 1926 e disponibilizado em livro no ano seguinte sob o título *Revolta no deserto*; 1926 também presenciou a publicação de *In Retreat* [Em retirada], de Herbert Read. Seguiram-se obras de Max Plowman e R. H. Mottram (1927); Blunden, Sassoon e E. E. Cummings (todas de 1928); Richard Aldington, Charles Edmonds, Frederic Manning e Robert Graves (todas de 1929); e, no conturbado ano de 1930, as obras de Sassoon, Manning, Henry Williamson, Richard Blaker e Liam O’Flaherty.<sup>41</sup> A frase cortante de Sassoon – “a guerra foi um truque sujo que pregaram em mim e na minha geração” – é uma das muitas citações que podem ser extraídas dessa safra de livros.

Essas condenações ecoaram em outros lugares. *Le Feu* [O fogo] (1916), de Henry Barbusse – que vendeu 300 mil exemplares quando a guerra chegou ao fim –, é o primeiro a expressar a aversão francesa à guerra na Frente Ocidental, superado somente pelos devastadores capítulos iniciais de *Viagem ao fim da noite* (1932), de seu opositor político Louis-Ferdinand Céline.<sup>42</sup> Em 1936, Roger Martin du Gard publicou *O verão de 1914*, aparentemente o último volume de sua vasta saga dinástica *Os Thibault*, em que Jacques Thibault morre tentando distribuir panfletos pacifistas entre tropas francesas e alemãs em agosto de 1914. No ano em que o livro foi publicado, o autor escreveu a um amigo: “Qualquer coisa, menos a guerra! Qualquer coisa! [...] Nada, nenhum julgamento, nenhuma servidão pode ser comparada com a guerra [...]”.<sup>43</sup>